

SÃO SEBASTIÃO PADROEIRO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

FÁTIMA JUSTINIANO *

Esta comunicação tem como suporte as pesquisas que realizei ao longo de todo o ano passado, colaborando com a professora Myriam Ribeiro, na elaboração do guia das Igrejas Paroquiais e Róccas do Rio de Janeiro. Entre as muitas curiosidades que ficaram evidentes nesta pesquisa, vou relacionar duas que causaram surpresa e estranheza.

Do total das 20 igrejas analisadas no guia, situadas no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro, foram encontrados apenas dois exemplares escultóricos de São Sebastião, apesar de ser o padroeiro da cidade. E o segundo fato foi a grande diversidade da invocação da Virgem Maria.

Uma das duas esculturas de São Sebastião, é do escultor acadêmico Cândido Castano de Almeida Reis (1838-1889), do século XIX, que está na igreja do Santíssimo Sacramento, e a segunda, uma excelente peça do século XVIII, localizada na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, que analisaremos mais adiante.

Quanto às invocações da Virgem, metade das igrejas está sob sua invocação e uma boa parte possui também altares laterais dedicados a ela: Nossa Senhora de Montserrat (São Bento), Nossa Senhora do Deserto, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora Mãe dos Homens, Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores, Nossa Senhora da Candelária, Nossa Senhora do Bom Sucesso, Nossa Senhora do Terço, Nossa Senhora da Conceição e Boa Morte e Nossa Senhora do Campo da Lapa.

Uma invocação em especial chamou a atenção pela dificuldade de identificação: Nossa Senhora do Socorro. No século XIX, o cronista Moreira de Azevedo, descrevendo as igrejas do centro do Rio de Janeiro, a identificou corretamente, porém, com o passar do tempo, acabou racabendo denominações tais como Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Boa Morte) e Nossa Senhora da Guia (Igreja do Terço). Nessas duas igrejas elas pertenciam a altares laterais da nave, sendo posteriormente deslocadas, fato que pode ser confirmado pela presença, na targa superior, das atribuições da invocação: uma cobra (simbolizando o demônio) enroscada em uma flecha (Fig. 1).

A invocação de Nossa Senhora do Socorro é de origem italiana, nasceu da lenda da mãe que redimindo das travessuras de seu filho e em desespero pediu ao demônio que o levasse. Imediatamente o filho foi amarrado aos seus braços. Assustada e muito arrependida renomeu a Virgem pedindo-lhe o seu "Socorro". Esta apareceu e efugentou o demônio. A partir dessa fato, foi construída uma capela com o título de Nossa Senhora do Socorro pelo prior do Convento dos Agostinianos de Palermo. Nas representações das igrejas do Rio de Janeiro, a Virgem está de pé, segura o Menino Jesus no braço esquerdo e na mão direita tem a flecha direcionada para o demônio na forma de uma serpente a seus pés entre nuvens, tendo ao lado uma criança.

Quanto à escassez de esculturas de São Sebastião, do século XVIII, pode ser explicado pelo fato de não termos incluído no guia as duas igrejas que atualmente estão sob sua invocação: a Catedral Metropolitana e a Igreja dos Capuchinhos na Tijuca, ambos monumentos do século XX. E uma segunda hipótese, diz respeito à própria história do Bispado no Rio de Janeiro, estabelecido em



Nossa Senhora do Socorro - BOM
Escultura em madeira policromada
Igreja de Nossa Senhora do Terço, Rio de Janeiro, RJ

* Mestre em História da Arte
Universidade Federal Fluminense
fatjustiniano@hotmail.com



São Roque - 50cm
Escultura em madeira polícroma
Igreja da Nossa Senhora do Carmo da Lapa
Rio de Janeiro, RJ

1598, no alto do Morro do Castelo, naquele tempo chamado de Morro de São Sebastião, que até a inauguração da atual Catedral em 1972, não teve uma sede definitiva.

Segundo informações de Moreira de Azevedo, o Rio de Janeiro foi fundado "na praia, junto do Pão de Açúcar, onde Estácio de Sá lançou o fundamento da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e na nascente cidade ergueu uma ermida de pau a pique, coberta de palha, dedicada ao santo do nome do Rei de Portugal". Transferida para o Morro do Castelo, permaneceu pouco tempo no topo do morro, percorrendo um longo caminho por diversas Igrejas: São José, do Rosário, Santa Cruz e, finalmente, o Convento das Carmelitas, onde ficaram por mais tempo. Acredita-se que esse fato se deveu principalmente pela dificuldade de acesso ao morro, facia muito freguês e precária que nas épocas de chuvas, não se subia, nem descia.

Sabemos que em 1842, o edifício da antiga Catedral abandonado no morro do Castelo foi entregue aos capuchinhos italianos que o reedificaram. A "construção era de gosto jesuítico, com um pórtico de granito, uma janela e um óculo no coro, e um frontão reto; as torres têm uma porta do primeiro pavimento e só uma tem pináculo de forma piramidal".

Atualmente as duas igrejas dedicadas a São Sebastião no Rio de Janeiro são construções do século XX. A Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro foi inaugurada em 1977, construída em terreno doado quando do desmonte de parte do Morro de Santo Antônio e a Igreja de São Sebastião dos Capuchinhos, quando do desmonte do Morro do Castelo em 1922. Essas igrejas mudaram-se para a Tijuca e a atual construção é de 1928 em estilo neobizantino.

Segundo Simão de Vasconcelos, a primitiva imagem de São Sebastião encontra-se na sacristia da Igreja dos Capuchinhos, junto com outros importantes símbolos da cidade: os restos mortais de Estácio de Sá e o marco em pedra da fundação da cidade. Porém, observando o acervo escultórico do Museu de Arte Sacra da Arquidiocese do Rio de Janeiro, localizado no subsolo da Catedral, encontramos dois exemplares de São Sebastião, um de pequeno formato, que lembra muito o da Igreja dos Capuchinhos, e um segundo, possivelmente de meados do século XVII". Portanto, são estes três exemplares, juntamente com o da Igreja do Carmo da Lapa que analisaremos a seguir.

Sem nenhuma dúvida São Sebastião é atualmente um dos santos mais populares do Brasil, e no Rio de Janeiro, juntamente com São Jorge, alcançou enorme incremento devocional nas últimas décadas do século passado. Mas a história de São Sebastião e da cidade do Rio de Janeiro possuem aspectos inusitados e alguns fatos lendários. O mais famoso é o que lhe impula o mérito na vitória dos portugueses sobre os franceses no começo do século XVIII. "Crença, segundo a tradição corrente entre os Tamoios, e assinalada por alguns dos nossos cronistas, que diz que o próprio santo protetor da cidade foi visto junto aos portugueses, mamelucos e índios, batendo-se contra os calvinistas (franceses)".

São Sebastião foi um dos primeiros mártires do cristianismo e, segundo a lenda, capitão da guarda pessoal do Imperador Diocleciano (c. 303 d.C.). Converteu-se ao cristianismo e por este motivo foi martirizado, amarrado a uma árvore e flechado até a morte. Porém, apesar dos ferimentos não morreu, foi cuidado por Santa Irene. Recuperado, apresentou-se mais uma vez ao Imperador que o fez apedregar, agora até a morte.

O seu culto sofreu um importante desenvolvimento a partir da Idade Média, e ao longo dos séculos teve diversas versões iconográficas. No entanto, a representação que firmou a partir do Renascimento foi a do jovem preso a uma árvore, tendo no corpo diversas flechas.

Dos quatro exemplares analisados, dois podem ser datados de fins do século XVII e dois do XVIII. Os do século XVII possuem tipologia similar e acreditamos tratar-se realmente dos exemplares mais antigos na cidade do Rio de Janeiro. E os do século XVIII já apresentam padrão tipológico distinto, podemos até dizer que um deles apresenta postura inusitada

¹ MOREIRA DE AZEVEDO, O Rio de Janeiro, sua história, monumentos, "Cronica notável, usou e considerações, Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1920, p. 173-180. (Coleção Vista Fazenda).

² MOREIRA DE AZEVEDO, Opus cit., p. 173-180.

³ FLEISS, Max. História da cidade do Rio de Janeiro. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

São Sebastião era representado como um jovem amarrado a um pequeno tronco (algumas vezes ausente) com os braços para trás, flechado e usando apenas o perizonium ou pano de pureza. Nas duas peças mais antigas vemos o pedrão formal almejado, moldados com certa desproporção anatómica, rigidez na postura, principalmente das robustas pernas sobre a painha (peças a idêntica de estarem fixados ao solo com dois grandes cravos). Expressão facial lerna, ladeada por cabelos longos e um acentuado cacho sobre a testa. O panejamento tem caráter natural fixado à cintura por um simples nó do lado esquerdo. Podemos constatar diversos exemplares deste protótipo no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa e em algumas cidades do Norte de Portugal.

Dos dois exemplares do século XVIII, o do Museu de Arte Sacra da Arquidiocese do Rio de Janeiro é uma escultura anatomicamente bem definida, representativa do período barroco, tanto pela dinâmica e teatralidade que o caracteriza, como pela sinuosidade do corpo do Santo, cuja torção se define através de um jogo de diagonais articuladas. Apresenta boa definição da musculatura e cabelo longo e na expressão uma certa angústia no olhar, podendo ser datado de meados do século XVIII.

E finalmente a última escultura, a da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, tipologicamente muito diversa das demais. O santo guerreiro está ajoelhado, tem o tecido amarrado



São Sebastião - 80cm
Escultura em madeira policromada
Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa
Rio de Janeiro



São Sebastião - 40cm
Escultura em madeira policromada
Fim do século XVII
Museu de Arte Sacra - Rio de Janeiro



São Sebastião - 100cm
Escultura em madeira policromada
Meados do século XVIII
Museu de Arte Sacra - Rio de Janeiro

na cintura e uma fina capa vermelha circunda as suas costas apoiando-se nos braços. Os músculos são marcados, as feridas definidas ao longo do corpo, a expressão é de angústia com olhar direcionado para o alto. Segura as flechas, em número de cinco, com a mão direita.

Tentando imaginar o momento representado, hipoteticamente nos pareceu a representação do momento seguinte ao abandono do corpo do santo pelos arqueiros romanos que o acreditavam morto. Porém, ainda vivo se solta, remove as flechas, ajoelha-se e eleva o seu olhar expressivo aos céus em agradecimento.

Nesta mesma igreja existe uma escultura de São Roque em idêntica atitude, ajoelhado e olhar expressivo para o alto, talvez fizessem parte de um conjunto escultórico pertencente a um altar, tendo ao centro muito provavelmente um Crucificado. Iconograficamente esta teoria encontra respaldo por serem os dois santos, desde o período medieval, invocados contra a peste. No caso de São Sebastião, por apresentar as feridas ocasionadas pelas flechas, e no de São Roque, pela grande chaga aberta em sua perna. O que sabemos com certeza é de que possuem a mesma procedência e o mesmo escultor ou oficina, importada ou já feita no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Benjamin de A. Igreja barroca do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- FLEIUS, Max. História da cidade do Rio de Janeiro. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil (1808-1818). Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / Edusp, 1975.
- MOREIRA DE AZEVEDO. O Rio de Janeiro. Sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1989, p. 173-190. (Coleção Vieira Fazenda).
- NORONHA SANTOS, Francisco. Crônicas da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Padrão, Livraria, 1981, vol. II.
- SANTOS, Luiz Gonçalves de (Padre Pereneira). Memórias para servir à história do reino do Brasil. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1981. (2 tomos)